

**Resumo:** O artigo parte do fato de que, hoje, ressoa forte a reivindicação que assegura o direito à diferença como o mais sagrado dos direitos. Nessa linha, a valorização das pessoas com deficiência (cf Campanha da Fraternidade 2006), a afirmação da causa homossexual, a consolidação do movimento feminista, o emergir do pluralismo religioso etc. Nesse contexto é que aparece o problema moral: por que o apelo de respeito à diferença nasce como reivindicação e necessita ser reconhecido como direito e valor ético? Por que a intolerância costuma tornar-se agressiva, opressora, e pode chegar a ser assassina? A propósito, que dizer da prática e do discurso da ética cristã em relação aos “diferentes estigmatizados”? Concretamente, como foi a práxis moral de Jesus nesse aspecto? Partindo do que sabemos sobre o Jesus histórico, constata-se que ele próprio foi “um diferente estigmatizado”: um “judeu marginal” no seu tempo, marginalização levada ao extremo pela morte na cruz. Jesus viveu em um mundo de “diferentes estigmatizados”, em relação aos quais a sua atitude ética foi a da proximidade. Assim, a sua atitude para com as mulheres, os pecadores e publicanos, os samaritanos, os personagens excluídos (“impuros”), as crianças, as prostitutas, os pobres etc. Na conclusão, o autor formula o desafio, do qual Jesus dá concreto testemunho: viver a ética como “proximidade responsável”, num sentido conscientemente humanizador.

**Abstract:** The article deals with the fact of great repercussion today laying claim to a right to assert one's difference as one of the most sacred rights. In this perspective are mentioned the recognition deserved by persons with some kind of deficiency (cf. Campanha da Fraternidade 2006), the reassertion of the issue of homosexuality, the reappraisal of the feminist movement, the resurgence of religious pluralism, etc. In this context a moral problem emerges: why is it that here comes to the fore the issue concerning a specific difference making a demand as one's due recognition by right and ethical value? Why is it that intolerance turns into aggressiveness, oppression, and degenerates into homicide? By the way, what is to be said about the dealing and the ethical discourse as regards “different stigmatized” individuals? As a point in question, what was the moral attitude of Jesus in this regard? Starting from the common knowledge about Jesus in his lifetime it is known that he himself was branded as different: a Jew at the margin of society during his time, whose rejection led to the extreme at the death on the cross. Jesus lived in a world of “different stigmatized” individuals and he showed forth his ethical attitude of a close relationship. Thus, his attitude towards women, sinners, despised government employees, Samaritans, individuals excluded from social life (“ritually impure”), children, courtesans, the poor people, etc. In the conclusion, the author presents a challenge on the basis of Jesus' concrete example: to endorse ethical demands in one's life in terms of a responsible “proximity” in the sense of a real humanitarian principle.

## A práxis moral de Jesus e os diferentes estigmatizados

Márcio Bolda da Silva\*

\* O autor, presbítero da arquidiocese de Florianópolis, Doutor em Teologia Moral e em Filosofia, é professor de filosofia na FEB e de Teologia Moral no ITESC.



## 1 A problemática

A problemática em questão parte de uma constatação: aflora no contexto atual um apelo forte em defesa do respeito às diferenças. Sabemos que, no horizonte da vida cotidiana, atinge-nos de perto uma necessidade real: a convivência no mesmo espaço social com os diferentes. Hoje, ressoa forte a reivindicação que assegura o direito à diferença como o mais sagrado dos direitos.

Da complexidade dos problemas, da multiplicidade dos fatos que caracteriza o momento epocal contemporâneo, essa exigência moral cada vez mais ganha força. Nunca como antes, o mundo atual se dá conta de que estamos situados em contexto de pluralidades. O fato do pluralismo, por si, se impõe como apelo ético de aceitação e de acolhida das pessoas, dos grupos que se apresentam diferentes e divergentes pelo modo como assumem sua visão de mundo, seu posicionamento moral, sua opção religiosa, sua identidade sexual, sua etnia, seus padrões culturais...

É certo que a existência da pluralidade não é um fato absolutamente novo. O mundo humano e sociocultural em sua natureza constitutiva sempre foi plural, marcado pela diversidade e variedade. Atualmente, se podemos falar de novidade, ela está intimamente relacionada com a questão da consciência, da sensibilidade ética. É no mundo atual que ecoa com muito mais intensidade o apelo à consciência ética do respeito à diferença alheia, como valor inviolável.

Vivemos da experiência concreta de que o mundo de hoje tornou-se um espaço globalizado e compartilhado pela pluralidade dos diferentes, que exigem ser valorizados a partir de sua *alteridade*. É bom acentuar que essa constatação é fato real e não mera racionalização. O respeito à diferença se impõe como desafio de prática moral e não simplesmente como especulação ético-valorativa.

E o mais provocante ainda é o fato de que tal apelo moral está profundamente enraizado no horizonte da vida cotidiana. No espaço que nos situa na convivência do dia-a-dia, muitas das reivindicações que reclamam pelo respeito à diferença já fazem parte de nossos posicionamentos, de nossas conversas, de nossos problemas de relação. Isso acontece porque é no âmbito da convivência social que vários movimentos e organizações ostentam a bandeira do direito à diferença. Só a título de exemplo, poderíamos citar alguns dos mais atuantes.



Na Campanha da Fraternidade de 2006, ecoou vigoroso o apelo em vista da valorização das pessoas com deficiência. A própria Campanha, ao chamar a atenção para a realidade, muitas vezes marcada pela discriminação, das pessoas com deficiência, reconhece que a discriminação no fundo é fruto da nossa falta de abertura para a convivência com o diferente<sup>1</sup>. Também é em nome e em defesa da diferença, que a sociedade presencia a afirmação e a emancipação da causa homossexual. No contexto atual, principalmente no mundo ocidental, “ensaia-se uma política nova em relação aos homossexuais, devido à alta qualidade de sua presença em vários níveis da realidade social, política, cultural e religiosa”<sup>2</sup>.

Outro movimento que soa conhecido de longas datas, pois suas raízes históricas já estão consolidadas, é o movimento feminista. Graças à militância e mobilização feminina, principalmente nas décadas de 70 e 80, hoje se pode afirmar que muitas das questões da mulher estão “na pauta das discussões oficiais, dentro do processo geral de ocupação de espaços públicos, cada vez mais amplos, pelas mulheres. Continua em curso o aumento progressivo da participação da mulher no mercado de trabalho, ainda que permaneça a discriminação em relação à força de trabalho masculina; e acontecem mudanças significativas no âmbito familiar, sobretudo pela redefinição da questão da autoridade – tanto na relação entre homem e mulher quanto entre pais e filhos – em face da renda dupla e da educação das crianças que tem passado, desde cedo, para a esfera pública, pela expansão das creches, privadas e públicas”<sup>3</sup>.

Cumpre ainda mencionar a existência de vários movimentos ou grupos, configurados como minorias de perfil racial, étnico-cultural, os quais, apoiados na baliza da diferença, da mesma forma reivindicam seu espaço de autonomia e respeito incondicional. Não podemos esquecer que a questão da diferença também está vinculada à realidade do pluralismo religioso. Atualmente, se é unânime no reconhecimento de que a convivência inter-religiosa, por muitos séculos, esteve bloqueada pela dificuldade de aceitação do *diferente*. Muito mais transparente se delinea a certeza de que o confessionalismo exclusivista, na prática,

<sup>1</sup> Cf. CNBB. *Manual Fraternidade e Pessoas com deficiência*. São Paulo: Editora Salesiana, 2005, p.28.

<sup>2</sup> MATTOS, L.A. Apresentação. In: LEERS, B.; TRASFERETTI, J. *Homossexuais e ética cristã*. Campinas (SP): Editora Átomo, 2002.

<sup>3</sup> SARTI, C. A. A sedução da igualdade: trabalho, gênero e classe. In: SCHPUN, M. R. (org.) *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis, Editora Mulheres, 1997, p.154.



sempre foi causa de violência, de divisões... O caminho mais curto para a intolerância religiosa.

E se circularmos pelo panorama filosófico atual de discussão dos problemas éticos, a questão do *diferente* aí também tem repercussão. Existe uma tendência no debate ético-filosófico contemporâneo que a ela reserva um espaço significativo. Essa tendência é conhecida e identificada com a denominação de *ética da alteridade*. Dentro dessa perspectiva, vale a pena ressaltar o nome de E. Lévinas, devido ao seu propósito decidido de repensar e refundar a ética a partir da interpelação do outro como absolutamente outro. Ou, em expressão mais simples, isso quer dizer que o intento levinasiano está concentrado na defesa radical da diferença e exterioridade do outro que, em hipótese alguma, pode ser objetificado, manipulado, instrumentalizado, discriminado...

## 2 O problema moral

Como vimos, a problemática trata de uma evidência irrecusável. No contexto do mundo atual a questão da *diferença* é um fato concreto, real; não há como acobertá-la; muito menos, o apelo de respeito incondicional que dela brota.

Mas, há um ponto que precisa ser polemizado. Até agora partimos apenas de uma constatação, e ainda não perguntamos pelo elemento que dá origem à própria problemática. Por que, particularmente, no âmbito da convivência diária, o apelo de respeito à *diferença* nasce como reivindicação e necessita ser reconhecido como direito e valor ético? À primeira vista, parece que a problemática esconde um problema moral de fundo.

Certamente, aí está o pivô da questão. O problema moral da convivência com os diferentes, na vida do dia-a-dia, na história, tanto no passado como no presente, dependendo das circunstâncias e dos interlocutores, em linhas gerais, podemos dizer que foi e é a convivência tecida no drama da discriminação, do preconceito, da rejeição, da intolerância... Se do rosto do *diferente* nasce a interpelação ética como necessidade de direito e de respeito, é porque à prática moral ele se revela historicamente como *presença estigmatizada*.

Para dar contorno real a essa verdade histórica, achamos conveniente reproduzir a constatação dramática que Lise Noël registra em seu livro “L’Intolérance – une problematique générale”. Os fatos falam por si,



pois a denúncia da intolerância como atitude humana injustificável leva Lise Noël a compilar “uma boa quantidade de dados sobre os diversos grupos e categorias sociais que são objeto de discriminação da história: crianças, velhos, homossexuais, contra os quais a intolerância impôs uma quantidade de maus-tratos e, com frequência, massacres impiedosos. Por exemplo, a caça às feiticeiras esvaziou aldeias inteiras de sua população feminina na Idade Média. Os homossexuais eram condenados à morte até o fim do século XVIII na França e meados do século XIX na Inglaterra. Entre os séculos XIX e XX, milhares de negros foram vítimas de execuções sumárias nos Estados Unidos: primeiro eram enforcados e depois queimados publicamente. Quanto aos índios, cuja população chegava a 80 milhões por ocasião da descoberta, foram reduzidos a 10 milhões já na metade do século XVI, e o massacre continuou nas Américas. O século XX foi marcado pelos genocídios: o massacre de 1,5 milhão de armênios pelos turcos em 1915; a Primeira Guerra Mundial vitimou, só na França, 10 milhões de jovens e deixou 7 milhões de inválidos; o extermínio de aproximadamente 400 mil homossexuais em campos de concentração nazistas; 70 mil pessoas sacrificadas pelos nazistas como doentes mentais. O infanticídio, praticado largamente na Antiguidade – sobretudo contra meninas – continuou até o século XIX (então voltado contra filhos ilegítimos). A Revolução Industrial começou com uma tremenda mortandade de crianças, obrigadas desde os nove anos a trabalhar 72 horas por semana e sofrendo castigos corporais e abusos sexuais. Entre 1972 e 1978, só nos Estados Unidos e Canadá, seis milhões de crianças (é o número do famoso holocausto judeu) foram negligenciadas ou maltratadas. Crueldades contra crianças, sobretudo menores de três anos, são frequentes, e os castigos cruéis, que eram instrumento da pedagogia antiga, continuam sendo aplicados às crianças. Os velhos também são maltratados, sobretudo depois dos 80 anos; alguns povos os sacrificavam quando os julgavam inúteis. A mulher é vítima de maus tratos em todo o mundo (...).

São alguns dados que concretizam melhor esta ideia: a intolerância não é apenas questão de não tolerar as opiniões divergentes; ela é agressiva e com frequência assassina, no seu ódio à diversidade alheia. E não se dirige apenas aos que discordam de sua visão do mundo, aos que têm ideologias, religiões, culturas diferentes. Volta-se contra qualquer tipo de diferença, de sexo, de idade, de raça, tudo que possa dar lugar a uma discriminação e a produzir um oprimido. O diferente, diz Lise Noël é



“estigmatizado”: sua diferença é um labéu, uma marca vergonhosa que o expõe ao desprezo, à opressão e até mesmo à eliminação”<sup>4</sup>.

Sem dúvida, a presença dos diferentes na história, na convivência, nas relações sociais, sempre apareceu como um fato moral desconcertante. Tem razão Lise Noël em intuir que o desconcerto que vem pela marca da diferença, da diversidade alheia, da divergência, caso *estigmatizada*, inevitavelmente leva à intolerância discriminatória, opressiva e assassina.

### 3 Jesus e o desafio da convivência com os diferentes estigmatizados

À luz das considerações anteriores, os fatos apresentados só vêm corroborar a dimensão abrangente e grave do problema moral. Talvez, agora, compreendemos com mais lucidez por que, de fato, a presença do *diferente estigmatizado* nas nossas relações, na história, é um problema moral. E, certamente, agora também conseguimos perceber com mais evidência que é nas situações históricas de *desumanização* que a importância da moral emerge como ponto crítico e indispensável.

Como não reconhecer que em si a racionalidade ética já é crítica, uma vez que sempre se vê desafiada a fundar e comprovar a retidão e a bondade da conduta moral. E é ainda sob a luz dessa racionalidade que não podemos fugir do *reclame* pelo qual todos somos atingidos, direta ou indiretamente. No contexto do mundo atual, é quase impossível se colocar indiferente diante dos rostos concretos que reivindicam o respeito à diferença, como o caminho mais seguro de superação das formas opressivas e preconceituosas, as que estigmatizam e assim impossibilitam ver e aceitar o outro como outro.

Aqui está o desafio ético que questiona nossas falsas racionalizações ou desculpas esfarrapadas. Tudo depõe a favor da verdade ética de que o outro, simplesmente porque é outro, precisa ser acolhido a partir de sua alteridade. É em nome dessa verdade, devido à sua lucidez e necessidade, que, na convivência do dia-a-dia, não se poderia romper o face-a-face, bloquear a proximidade com o outro, só porque é outro, diferente, estranho no seu modo de pensar, de fazer sua opção religiosa,

<sup>4</sup> MENEZES, P. Tolerância e religiões. In: TEIXEIRA, F. (org.). *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*. São Paulo: Paulinas, 1997, p.45-47.



de assumir sua identidade sexual, de ser pessoa com deficiência, de pertencer a uma etnia, a uma cultura específica... Como diz Lévinas, o laço com o outro “só se aperta como responsabilidade, quer esta seja, aliás, aceite ou rejeitada, se saiba ou não como assumi-la, possamos ou não fazer qualquer coisa de concreto por outrem. Dizer: eis-me aqui. Fazer alguma coisa por outrem. Dar. Ser espírito humano é isso”<sup>5</sup>.

Se tal desafio ético compromete a todos, ou nele nossa responsabilidade está amarrada, como afirma Lévinas, é oportuno que questionemos como a prática e o discurso da ética cristã se situam nessa perspectiva. A referência histórica à prática cristã em relação aos *diferentes* denuncia que, em diversas circunstâncias, as igrejas cristãs foram coniventes como também promoveram práticas de *estigmatização*. No quadro da Igreja Católica, atualmente, algumas das tensões mais delicadas e polêmicas têm a ver com os que reivindicam a necessidade de acolhida e integração total a partir da própria diferença e particularidade da situação em que estão inseridos, como por exemplo, os divorciados em segunda união, os homossexuais, os sacerdotes que deixaram o ministério, a situação da mulher na esfera do sacerdócio...

No âmbito cristão, o ponto de referência para buscar luz sobre como orientar a questão ética acerca dos *diferentes estigmatizados* só pode ser a práxis moral de Jesus. Pela própria evidência simples de que a ética cristã deita suas raízes no comportamento, nas ações, no testemunho, no agir, na postura evangélica, na práxis de Jesus. Indo direto ao ponto, só falta agora colocar no centro da questão a práxis moral de Jesus de Nazaré e indagar como, na práxis histórica de Jesus, o desafio moral da convivência com a alteridade, com o *diferente*, particularmente *estigmatizado*, é vivenciado e enfrentado.

Devemos, de antemão, partir de uma constatação histórica: Jesus de Nazaré sentiu na própria pele a experiência dura de ser um *diferente estigmatizado*. Não é preciso conhecimento aprofundado para intuir que Jesus, a partir de seu contexto histórico-religioso-social, foi considerado sob determinados aspectos um personagem estranho e, por causa disso, pivô de discriminações, de “pré-conceitos” verdadeiramente estigmatizadores. Mesmo uma simples leitura dos Evangelhos não impede de se captar o arrazoado de que Jesus foi estigmatizado de forma preconceituosa e agressiva.

<sup>5</sup> LÉVINAS, E. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988, p.89.



Para não permanecer à superfície de considerações tão comprometedoras, torna-se necessário traçar um perfil do Jesus histórico, isto é, resgatar Jesus dentro do horizonte histórico em que ele viveu. Certamente, para entender por que Jesus de Nazaré foi um *diferente estigmatizado*, é de suma importância situá-lo dentro do conflitivo contexto histórico da Palestina do século I. Sob o viés da contextualização, alguns fatos se apresentam notórios.

### a. Jesus, um judeu marginal

Há de se registrar, por primeiro, o fato de que Jesus foi um judeu marginal. Aqui o significado de “marginal”, em linhas gerais, se mantém em consonância com o sentido que John Meier dá à expressão. Segundo a reflexão de Meier, Jesus era um judeu marginal, à frente de um movimento marginal, numa província marginal do vasto Império Romano. Isso, de imediato, permite concluir que há vários aspectos implicados na compreensão da marginalidade de Jesus.

Pela ótica da contextualização, fica explícito que, na vida de Jesus, sobressaem certos episódios pelos quais é possível reconhecer a dura realidade de que Jesus foi marginalizado e, por outro lado, também a situação de que ele próprio se colocou à margem. Tendo presente o contexto histórico em que Jesus projeta suas decisões e opções, aparecem relevantes três focos, como indicadores de marginalidade.

O primeiro foco tem a ver com os ensinamentos e a práxis de Jesus. Nesse particular, dois fatos são críticos. A originalidade de Jesus atinente ao estilo de ensinar e de viver “desagradou a muitos judeus, que se afastaram dele e, com isso, o repeliram para a margem do judaísmo palestino”<sup>6</sup>. Depois, o que é mais crítico e contundente são seus posicionamentos a respeito da proibição total do divórcio, da rejeição ao jejum voluntário, suas advertências simbólicas sobre a destruição do templo, sua opção pelo celibato. Posturas assim inusitadas eram “marginais no sentido de não estarem de acordo com os pontos de vista e práticas dos maiores grupos religiosos judeus do seu tempo”<sup>7</sup>.

O segundo foco remete à situação de que na vida de Jesus existem algumas facetas que inevitavelmente o colocam à margem. Por exemplo,

<sup>6</sup> MEIER, J. P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume um: as raízes do problema e da pessoa*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.19.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p.19.





“perto dos trinta anos, Jesus era um carpinteiro comum, numa cidade montanhosa comum da Baixa Galileia, contando com um mínimo de recursos econômicos e respeitabilidade social para levar uma vida decente. Por um motivo qualquer, abandonou seu meio de vida e sua cidade natal, tornou-se um “desempregado” e andarilho, a fim de assumir um ministério profético e, como era de esperar, deparou-se com a descrença e a rejeição quando voltou à sua cidade para ensinar na sinagoga. Em lugar da “honra” que antes desfrutava, viu-se exposto à “vergonha” numa sociedade regida por esses dois sentimentos, e onde a opinião dos outros tinha muito mais influência sobre a vida de alguém do que hoje em dia. Contando basicamente com a boa vontade, o apoio e as doações de seus seguidores, Jesus voluntariamente se tornou marginal aos olhos dos trabalhadores judeus da Palestina, embora ele próprio continuasse a ser um judeu palestino”<sup>8</sup>.

O terceiro foco aponta para a marginalização que representa a forma definitiva e a mais degradante da exclusão social, a morte infame que vem pela crucificação<sup>9</sup>. “Qualquer um que tenha sido declarado criminoso pela maior autoridade de sua sociedade e, em consequência, condenado à morte em execução pública, da maneira mais brutal e degradante, obviamente foi atirado às margens da sociedade. O derradeiro despojamento, a derradeira margem é a morte, especialmente a morte por tortura, como punição imposta pelo Estado aos grandes crimes. Aos olhos dos romanos, Jesus teve a horrível morte dos escravos e rebeldes; para os judeus, caiu sob a condenação do Deuterônimo 21:23: “O que for pendurado [na árvore] é maldito de Deus”. Para ambos, o julgamento e a execução de Jesus fizeram dele um marginal num sentido terrível e revoltante. Jesus era um judeu que vivia numa Palestina judia, direta ou indiretamente controlada pelos romanos. Num sentido, ele pertencia aos dois mundos; no final, foi expulso de ambos”<sup>10</sup>.

## b. Uma identidade marcada pela diferença

Se, pela via da contextualização, chegamos à comprovação inegável da situação de marginalidade a que foi lançado Jesus, acreditamos

<sup>8</sup> *Ibid.*, p.18.

<sup>9</sup> Veja em Warren Carter a descrição da crucificação como o meio cruel de execução, utilizada por Roma e reservada aos marginais sociopolíticos tais como estrangeiros rebeldes, ladrões e criminosos violentos. (CARTER, W. *O evangelho de São Mateus. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002, p.318; 434).

<sup>10</sup> MEIER, J.P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume um: as raízes do problema e da pessoa*, p.18.



que é também por este mesmo caminho que se abre o acesso para fazer a conexão com a ideia-força que impulsiona nossa investigação. Até o presente momento, estamos percebendo que o foco de nossa abordagem se conduz centrado em uma das questões que intriga a prática moral no contexto atual: como corresponder eticamente ao apelo do outro que vem ao nosso encontro como o estranho, o diferente...

É nesse sentido que precisamos buscar os pontos de conexão. E o primeiro que aparece incontrastável é a confirmação de que a experiência de vida e de relacionamento de Jesus está fortemente marcada pelo traço de ser estranho para a maioria de seus conterrâneos, de parecer incomum em seu estilo de viver, de ser diferente pela originalidade de posicionar-se ante as questões religiosas, de ser interpretado como excêntrico em relação à vida normal... E o mais questionante, como confirmamos no tópico anterior, é constatar que, em Jesus, a identidade construída na diferença culmina na sentença reservada a qualquer diferente estigmatizado: a dura realidade de ser colocado à margem. Ainda, em Jesus, o veredicto da sentença é mais impiedoso e cruel, pois, dentro do processo gradual de ser estigmatizado e colocado à margem, a sentença final endossa a condenação à morte vergonhosa, a crucifixão.

Por certo, acabamos de fazer alusão a outra conexão. Associamos ao projeto de vida de Jesus a característica de uma identidade construída na diferença. E fomos mais longe ainda... Colocamos em conexão a importância desse fato com o contexto da marginalização que termina com a morte na cruz. Se, sob nossa ótica, tem peso esta associação, é conveniente que sua compreensão seja um pouco mais alargada. Assim, tomamos a iniciativa de ir à busca das razões que confirmam Jesus, em seu contexto, como um diferente ou estranho também estigmatizado.

Estamos impondo à nossa investigação uma tarefa um tanto complicada. Por isso, escolhemos como critério de análise deter nossa atenção nos aspectos que revelariam Jesus parecer estranho, diferente, incomum, excêntrico para o contexto de sua época. Levemos em consideração, de início, os aspectos relacionados à pessoa de Jesus. Do modo como Jesus projetava sua vida, alguns traços pareciam ser incomuns aos olhos de seus coetâneos, a saber: apresentar-se como líder religioso<sup>11</sup> e não ter as

<sup>11</sup> Cf. MEIER, J.P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume três, livro dois: competidores*. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p.341-342.



credenciais necessárias para o ofício (a autorização oficial para ensinar<sup>12</sup> e o estudo formal da Torá); o fato de ser solteiro<sup>13</sup>; a sua adesão ao movimento de João Batista e por este deixar-se batizar<sup>14</sup>.

Além disso, Jesus também era diferente em relação aos aspectos que o colocaram em rota de colisão com os que dominavam o cenário político-religioso da época: “ele era um galileu sem importância em conflito com a aristocracia de Jerusalém; ele era (com relação a seus oponentes) um camponês pobre em conflito com os ricos moradores da cidade; ele era um milagreiro carismático em conflito com sacerdotes muito mais preocupados em preservar as instituições centrais de sua religião e seu funcionamento tranquilo; ele era um profeta escatológico que prometia o advento do reino de Deus, em conflito com os políticos saduceus que tinham interesse na manutenção do *status quo*. Mas por baixo de muitos desses conflitos existia um outro: ele era um leigo ligado à religião que parecia ameaçar o poder ao qual se agarrava o grupo de sacerdotes”<sup>15</sup>.

Em suma, “Jesus é um homem do povo; não pertence a nenhum núcleo de seletos ou privilegiados do ponto de vista econômico, político ou religioso. Nem sequer pertence ao grupo popular melhor situado, o dos habitantes de Jerusalém. É da Galileia, região marginalizada, impura, e foco de resistência à dominação romana”<sup>16</sup>.

Se agora focalizarmos Jesus a partir de seus relacionamentos, existem outros aspectos que o fizeram destacar-se como estranho. É claro que “o fenômeno de um profeta celibatário itinerante que chamava outros homens para abandonarem suas famílias e segui-lo, e permitia que mulheres sozinhas se juntassem ao grupo que o acompanhava em suas jornadas, teria feito levantar mais do que uns poucos sobrolhos devotos – tanto mais que Jesus não se apresentava como um severo profeta do dia do julgamento final, do tipo de Jeremias ou João Batista, mas sim como um “glutão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11, 19 par.).

<sup>12</sup> Jesus “não tem nenhuma autorização oficial para ensinar, nem especialização em teologia ou Escritura; não é nem escriba nem rabino” (GALLARDO, C.B. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997, p.302).

<sup>13</sup> Cf. MEIER, J. P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume três, livro dois: competidores*, p.342.

<sup>14</sup> Cf. *ibid.*, p.343.

<sup>15</sup> MEIER, J. P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume um: as raízes do problema e da pessoa*, p.344.

<sup>16</sup> GALLARDO, C. B. *Jesus, homem em conflito*, p.325.



Embora lembrasse de muitas formas o modelo de Elias (e, por vezes, de Eliseu) em particular e os profetas orais de Israel em geral, o celibatário porém sociável Jesus, acompanhado por suas adeptas, assim como por homens que haviam deixado suas famílias, inevitavelmente pareceria estranho ou escandaloso aos judeus observantes. Apesar de sua aparência profética tradicional, nesse ponto pelo menos ele não tinha precedente claro na história sagrada de Israel<sup>17</sup>.

Oportuna também é a observação de W. Carter sobre o fato de Jesus deixar Nazaré e fixar “sua casa em Cafarnaum, à beira-mar, um povoado agrícola e pesqueiro pequeno (população em torno de mil) na margem noroeste do mar da Galileia. Ele não muda para cidades maiores, Tiberíades (construída e nomeada em honra do imperador Tibério) ou Séforis, os centros do poder político, econômico, social e cultural imperiais na Galileia, que mantêm os interesses da elite e o controle sobre os povos circunvizinhos por meio da tributação. Como judeu num território controlado por Roma, Jesus se coloca ele mesmo entre o marginal, com o pobre, não com o rico, com os camponeses rurais, não com a elite urbana, com os governados, não com os governantes, com os impotentes e explorados, não com os poderosos, com aqueles que resistem às exigências imperiais, não com os que as implementam. Ele continua a preferência do evangelho pelo aparentemente pequeno e lugares e gente insignificantes que, não obstante, são centrais para os propósitos de Deus<sup>18</sup>.”

### c. Jesus, em um mundo de *diferentes estigmatizados*

Tendo em vista a perspectiva aberta pelo parágrafo anterior, surge a oportunidade de darmos um passo a mais na direção de compreender a originalidade da práxis moral de Jesus em relação ao interlocutor que interpela a partir da situação de ser colocado à margem. A afirmação de que Jesus se coloca ele mesmo entre o marginal, entre a gente insignificante, permite nossa investigação chegar a duas inferências. O horizonte histórico-social em que Jesus transita é um mundo marcado pela presença de muitos *diferentes estigmatizados*<sup>19</sup>. Em relação a eles, a atitude ética de Jesus é a da proximidade.

<sup>17</sup> MEIER, J.P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume três, livro dois: competidores*, p.342-343.

<sup>18</sup> CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*, p.156.

<sup>19</sup> É evidente que muitas narrativas dos Evangelhos mostram Jesus oferecendo “ajuda a leprosos (Mc 1,40-45 par.; Lc 17, 11-19), endemoninhados (Mc 5,120 par.; 9,14-29



Aqui é que se encontra a provocação ética do modo de Jesus relacionar-se. Ele se situa entre o marginal, não como alguém que convive de forma conivente, passiva, indiferente, omissa... O seu jeito de fazer-se presente se define e se caracteriza pela atitude ética de fazer-se próximo. Justamente é a proximidade a mediação que favorece a responsabilidade moral, cujo significado nesse contexto específico designa a atitude suprema de preocupar-se com o outro, de fazer alguma coisa de concreto pelo outro. E a responsabilidade adquire um tom bem mais comprometedor e de testemunho realizado na gratuidade, quando, pela proximidade, se está diante do outro cuja exposição não encoberta a situação injusta da negação, da exclusão, da discriminação, da estigmatização...

A esse tocante é espetacular o modo como Jesus se faz próximo. Talvez seja o aspecto mais autêntico e marcante de sua práxis moral. Ele vivencia a proximidade na responsabilidade de forma total, radical. O compromisso com o outro fica atado ao sentido de responsabilidade projetado na dimensão do infinito. Pois, para Jesus, a responsabilidade é infinita, uma vez que o ato de “responder pelo outro”, de fazer algo de concreto pelo outro se reconhece e se comprova na ação encarnada na gratuidade, no desinteresse total, no desprendimento de nada esperar em troca...

De fato, na prática moral de Jesus, a responsabilidade é elevada à esfera do amor sem medida, sem limite. A partir daí torna-se fácil compreender por que a responsabilidade é infinita, pois pode existir *maior amor do aquele que doa a vida por seus irmãos!*?

Não cabe aqui apenas teorizar... Temos de voltar à inserção de Jesus no horizonte histórico-social de seu tempo, e assim dali conseguir captar como Jesus se faz próximo dos que, situados à margem, interpelam à responsabilidade ética. A ela já fizemos referência e é dessa premissa que precisamos partir: o mundo em que Jesus viveu era um mundo marcado pela presença de muita gente excluída da esfera social e religiosa. O problema que agora enfrentamos é a questão da metodologia que indaga pelo modo como vamos nos aproximar desse universo de rostos anônimos, de “gente insignificante”.

Achamos que o caminho mais apropriado e seguro é simplesmente seguir os passos de Jesus. Vamos observar e retratar de quem Jesus vai

---

par.), mendigos cegos (Mc 10, 46-52 par.; Jo 9,1-41) e muitos outros pobres e aflitos, empurrados para as margens da sociedade” (MEIER, J.P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume três, livro um: companheiros*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p.41).



ao encontro para se fazer próximo, e como a proximidade desencadeia a responsabilidade que assume o outro a partir de sua dor, de seu grito e clamor, de sua situação de não ser reconhecido, mas discriminado, estigmatizado... Faremos isso, colocando em destaque os rostos das pessoas, dos grupos com quem Jesus viveu concretamente a proximidade. Iniciando, vamos, por primeiro, abrir espaço ao rosto das mulheres.

### *As mulheres*

Num mundo culturalmente dominado pela rígida estrutura doméstica patriarcal, em que se reservava à mulher apenas o espaço da casa, não é difícil de imaginar a atitude inusitada e ao mesmo tempo escandalosa de um número incomum de mulheres, tanto da classe alta como da baixa, que seguia a Jesus. O fato realmente é surpreendente, pois “a visão de um grupo de mulheres – aparentemente, pelo menos em alguns casos, sem a proteção de maridos a acompanhá-las – viajando através da região rural da Galileia com um homem solteiro que exorcizava, curava e lhes ensinava da mesma forma como o fazia a seus discípulos homens, não podia deixar de fazer olhos pios se arregalarem e de provocar comentários ímpios”<sup>20</sup>.

E o fato, tão inusitado, surpreende ainda muito mais, se tivermos presente as seguintes informações: 1) “Parece pouco provável que mulheres judias da Palestina pudessem ter tomado a incomum, para não dizer escandalosa, atitude de seguir Jesus e seus discípulos através da Galileia por um longo tempo, sem seu convite prévio ou, pelo menos, sua clara aquiescência após o fato”<sup>21</sup>; 2) Seguramente, “com ou sem escândalo, Jesus lhes permitia segui-lo e servi-lo. Quaisquer que sejam os problemas de vocabulário, a conclusão mais provável é que ele considerava e tratava essas mulheres como discípulas”<sup>22</sup>; 3) Algumas dessas devotas seguidoras ajudavam, com seu próprio dinheiro, patrimônio ou alimentos, a sustentar Jesus e o seu grupo<sup>23</sup>; 4) O fato de uma comitiva de seguidoras

<sup>20</sup> MEIER, J.P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume três, livro um: companheiros*, p.96.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p.94.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p.96.

<sup>23</sup> “O quadro de Lucas em 8,1-3 mostrando mulheres desacompanhadas partilhando as jornadas de pregação de um mestre celibatário é descontinuo com o judaísmo daquele tempo e também com que o evangelista apresenta – e com que o que nós sabemos – da primeira geração da missão cristã. Parece que Lucas, quaisquer que fossem seus propósitos, preserva uma valiosa memória histórica em 8,1-3: algumas



acompanhar a Jesus, em si, já é escandaloso, provavelmente perturbaria mais ainda a notícia de que, dentro do grupo das partidárias, algumas eram antigas endemoninhadas, como também existia quem não ostentava boa reputação social, notadamente o caso de Maria Madalena<sup>24</sup>.

### *Os pecadores e publicanos*

Acabamos de conferir o fato surpreendente a respeito do séquito de mulheres que com Jesus viajava. Se esse acontecimento já escandalizava os rigorosamente pios, imagine agora como deveria perturbá-los a intimidade de Jesus com os publicanos e pecadores. Esta é outra faceta surpreendente do ministério de Jesus, o fato de incluir o convívio amistoso com excluídos (párias) sociais e religiosos como os publicanos (coletores de impostos) e os pecadores<sup>25</sup>. É bom lembrar que Jesus era “estigmatizado por seus críticos como um *bon vivant*, glutão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores (Mt 11,19 par.)”<sup>26</sup>.

No âmbito da convivência social, “a expressão “coletores de impostos”, ou “publicanos”, indicava pessoas que colaboravam com os opressores imperiais locais e/ou operavam com excessivo rigor, suborno e corrupção. As duas expressões juntas, “publicanos e pecadores”, denotavam pessoas moral e ocupacionalmente perversas, irremediavelmente más”<sup>27</sup>. Para compreender a força discriminatória da expressão, basta ter presente: São Mateus, por exemplo, “quando queria designar alguém da comunidade a ser evitado, dizia, ‘trata-o como gentio ou publicano’ (18,17). Essas pessoas deveriam ser evitadas a qualquer custo e não deveriam ser visitadas nem contadas como amigas. Tampouco se deveria procurar convertê-las”<sup>28</sup>.

Com isso se confirma que, embora pudessem ter algum poder político-econômico, os coletores de impostos tinham pouco status so-

---

seguidoras devotadas acompanhavam Jesus em suas viagens pela Galileia e por fim o acompanharam até Jerusalém, e na verdade sustentavam-no e a seu grupo com seu próprio dinheiro, patrimônio ou alimentos” (*ibid.*, p.93). Cf. também *ibid.*, p.96.

<sup>24</sup> Cf. *ibid.*, p.96, 262.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p.96.

<sup>27</sup> CROSSAN, J.D.; REED, J.L. *Em busca de Jesus. Debaxo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007, p.154.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p.154.



cial<sup>29</sup>. Na realidade, equiparados aos pecadores públicos, eram pessoas separadas da comunidade, colocadas à margem, devido ao “ofício impuro” que exerciam<sup>30</sup>.

Na pesquisa de Meier, encontramos um confronto muito ilustrativo. De um lado, Simão, o Zelote, um dos doze escolhidos por Jesus; do outro, Levi, o publicano. A título de esclarecimento, é importante saber que um zelote se caracteriza pelo zelo profundo na prática da lei mosaica, atitude que leva a insistir com os outros judeus a observarem a Lei estritamente, como forma de separar Israel dos gentios imorais e idólatras e, ainda, a radicalidade de tal zelo poderia, em alguns casos, empregar hostilidade, violência ou mesmo assassinato com o intuito de afastar os correligionários dos gentios e de seu estilo de vida<sup>31</sup>. Do outro lado, se encontra a pessoa do publicano, de cujas credenciais já temos conhecimento.

Agora é que entra a atitude ética inovadora, à medida que provoca a ruptura com as fronteiras sócio-religiosas. O que interessa, pois, priorizar é que “Jesus chamou este Simão para uma vida comunal que envolvia a associação (na verdade, até para comer e beber em refeições festivas) com “publicanos e pecadores [ou seja, judeus que não observavam a Lei]” e para um grupo de discípulos entre os quais se incluía Levi, o publicano. As pessoas com as quais Simão deveria conviver como discípulo de Jesus, são um claro indicativo de que ele teria de dizer adeus à sua anterior maneira de pensar e de agir com relação aos outros israelitas”<sup>32</sup>.

### Os samaritanos

A alusão aos samaritanos simplesmente visa colocar em realce o fato de que este grupo, no âmbito dos relacionamentos de Jesus, também atraía sobre si o olhar condenatório da difamação, da discriminação. A atitude de hostilidade, por parte dos judeus, estava apoiada em dois fatores predominantes, a situação geográfica dos samaritanos e a sua divergência religiosa.

<sup>29</sup> Cf. CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*, p.287-288.

<sup>30</sup> Cf. GALLARDO, C.B. *Jesus, homem em conflito*, p.105.

<sup>31</sup> Cf. MEIER, J.P. *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico, volume três, livro dois: competidores*, p.292.

<sup>32</sup> Cf. *ibid.*, p.292.





A separação geográfica<sup>33</sup> “caracterizava os samaritanos que, além disso, merecem, pelo menos de alguns estudiosos, a estranha classificação de israelitas, porém não judeus”<sup>34</sup>. A isso se acrescenta a posição religiosa que divergia da principal corrente judaica. Os samaritanos se consideravam semitas adoradores do Deus Iahweh e veneradores do monte Garizim, próximo a Siquém, como o único lugar válido para a construção de um altar ou templo para o culto público de Iahweh. Posição esta que diferia frontalmente da crença judaica de o monte Sião, em Jerusalém, ser o verdadeiro local de adoração a Iahweh<sup>35</sup>.

Aqui, todavia, cabe salientar que “Jesus tinha uma visão benigna dos muitas vezes difamados samaritanos e em algumas ocasiões teve encontros rápidos e positivos com alguns deles”<sup>36</sup>. A mais famosa referência aos samaritanos se encontra na parábola do bom samaritano, em Lucas 10,30-37.

É óbvio que o objetivo da parábola não está em discutir as relações entre judeus e samaritanos. O seu foco principal se centraliza na necessidade de definir quem é o nosso próximo<sup>37</sup>. Mas, no âmbito da proximidade, o que também está em jogo é o modo como fazer-se próximo. A respeito disso, a postura do samaritano, na parábola, é exemplar. O sacerdote judeu e o levita (ambos ministros do templo de Jerusalém), diante do homem pobre e ferido, se destacam pela atitude de indiferença e omissão. É o desprezado samaritano que vai dar o testemunho da proximidade como algo que se faz pelo outro, sem esperar nada em troca. É ele que, através dos gestos de compromisso, vai ensinar

<sup>33</sup> “Em termos geográficos, os samaritanos poderiam ser definidos predominantemente como os habitantes da região denominada Samaria, que na Palestina do século I se localizava ao norte da Judeia e ao sul da Galileia, na margem ocidental do rio Jordão. Sua capital também se chamava originalmente Samaria, mas Herodes, o Grande, a reconstruiu no século I.A.C. e lhe deu o novo nome de Sebastia, em honra de Augusto César (*Sebastos* é o equivalente grego para *Augustus*) (*ibid.*, p. 256).

<sup>34</sup> *Ibid.*, p.293.

<sup>35</sup> Cf. *ibid.*, p.257. Leve-se também em consideração que os samaritanos “sustentavam ser sua linhagem de sacerdotes levíticos atuando no monte Garizim os legítimos sacerdotes da prescrição mosaica, em oposição aos sacerdotes do templo de Jerusalém”, assim como “aceitavam somente os cinco livros de Moisés (o Pentateuco) como escrituras autorizadas, excluindo até o ainda fluido corpo dos Profetas e dos Escritos que se desenvolvia lado a lado com o Pentateuco na corrente principal do judaísmo” (*ibid.*, p.257).

<sup>36</sup> *Ibid.*, p.293.

<sup>37</sup> Cf. *ibid.*, p.271.



que a misericórdia para com o outro tem a dimensão da gratuidade, da responsabilidade ilimitada.

Mesmo sabendo que a parábola não comporta explicitamente o objetivo de debater as relações entre judeus e samaritanos, ela deixa brechas para a compreensão de que o apelo à misericórdia e à compaixão se dirige a todos os membros da comunidade humana, projetando-se para além das barreiras religiosas ou étnicas<sup>38</sup>. Também não seria de todo inapropriado cogitar que a parábola subentende a sugestão de que “Jesus deplora as relações hostis entre os samaritanos e judeus de seu tempo (ideia corroborada pelo episódio de Lc 9,52-56)”<sup>39</sup>.

### *A mulher cananeia*

Continuando na rota dos passos de Jesus, vamos perceber em outro episódio, o da mulher cananeia (Mt 15,21-28), que a ruptura com as barreiras vai bem mais longe... A direção da ruptura agora se endereça ao espaço das relações com os pagãos. Este é outro campo minado de preconceitos estigmatizadores.

Vamos à cena. O encontro de Jesus com a mulher cananeia acontece em um lugar não especificado, na região limítrofe entre a Galileia e Tiro-Sidônia, propriamente a interface do território judeu e pagão. O lugar onde se situam é um local de tensão e ressentimentos, um mundo de barreiras étnicas, culturais, religiosas e políticas<sup>40</sup>.

A mulher cananeia, como pagã, se localiza geograficamente nas margens de Israel. Para a cosmovisão de Israel, ela é uma figura simplesmente marginal. “Como cananeia, membro de um povo amaldiçoado, destinado a ser dominado como escravos (Gn 9,25), ela pertence a um povo desapropriado pela ocupação e posse da terra de Israel. Esta vitória israelita era vista como presente de Deus, era compreendida como uma expressão da condição de eleito de Israel, e era celebrada nas tradições de Israel. Mas, embora submissa, ela desafia esta ideologia excludente. A sua demanda por inclusão constitui a sua fé, o meio pelo qual ela encontra a bênção do Deus de Israel”<sup>41</sup>.

<sup>38</sup> Cf. *ibid.*, p.271.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p.271.

<sup>40</sup> Cf. CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*, p.408.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p.407.



Como pagã, ainda mais em sua situação de desespero, ela cruza audaciosamente o limite étnico para buscar ajuda, para interceder por misericórdia. A barreira se rompe, pois o pedido de socorro é dirigido a um judeu. “A sua petição desafia a mesma identidade e missão de Jesus. Confronta a ideologia imperialista de Israel. Ela exige que Jesus torne disponível para ela o que está disponível para Israel”<sup>42</sup>.

Há um momento da cena em que Jesus não responde, permanece em silêncio (Mt 15,23). Por ser ela uma mulher pagã, parece que o silêncio deixa a entrever que há muitas razões para Jesus não a levar em consideração. Tudo favorece ao gesto de ignorá-la, os fatores étnicos, culturais, religiosos, políticos, de gênero, já que eles se encontram em uma zona limítrofe, impregnada de muitos preconceitos.

Mas ela torna a insistir. E a resposta que tem de ouvir não é nada agradável: “Não é justo tirar a comida dos filhos e atirá-la aos cachorros” (Mt 15,26). O confronto entre os dois mundos se materializa explícito: os filhos (de Israel) versus os cachorros (os oponentes, a mesma coisa que pagãos). Referir-se a ela como um cachorro é algo ofensivo e insultante<sup>43</sup>, e dentro do contexto significa que continuam vigorando as regras do jogo de convenções históricas e culturais firmemente alicerçadas na discriminação, na hostilidade.

“Jesus parece ser pego com sua compaixão ao mais baixo grau”<sup>44</sup>.

Não obstante, ela não se intimida... E a sua resposta é comovente: “Sim, Senhor, contudo até mesmo os cachorros comem os miolos de pão que caem da mesa de seus donos” (Mt 15,27). Diante da resposta engenhosa, Jesus reage positivamente: “Mulher, grande é a tua fé” (Mt 15,28). O seu pedido é atendido. Ao executar o milagre, Jesus dá a prova concreta de superação das barreiras étnicas, religiosas, culturais, políticas e de gênero<sup>45</sup>.

### *Os personagens excluídos (impuros)*

A prática de proximidade de Jesus se torna muito mais desconcertante, à medida que Jesus se aproxima de um elenco de personagens

---

<sup>42</sup> *Ibid.*, p.409.

<sup>43</sup> Cf. *ibid.*, p.411.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p.411.

<sup>45</sup> Cf. *ibid.*, p.412.



excluídos, isolados do convívio social, seguramente porque ostentam o labéu vergonhoso e repugnante de serem impuros. Nesse rol, os rostos se diversificam: leprosos, cegos, parálíticos, endemoninhados... Todos, porém, compartilham da mesma situação social deplorável – a exclusão, a solidão, o opróbrio, a rejeição, o estigma...

O contato com eles é negado, uma vez que poderiam contaminar a comunidade. Tidos como impuros, são uma ameaça para a vida das pessoas. Segundo a Lei, a impureza é causa de morte (Lv 15,31). Diante de uma consequência assim desastrosa, a comunidade precisa proteger-se da “contaminação” do homem impuro. E o faz, relegando-o à situação de abandono, de rechaço, de isolamento social... É nessa situação de exclusão que Jesus encontra:

– Os **leprosos**. A eles se impõe a exigência de viverem fora da cidade ou em casa separada<sup>46</sup>. Seguindo a prescrição de Lv 13,45, quando se aproximassem de alguém, para evitarem o contato, deveriam gritar “impuro”! Se isso não bastasse, o sofrimento físico e a dor do isolamento social<sup>47</sup>, ainda existia o trauma de viverem sob a acusação de a lepra ser um castigo divino<sup>48</sup>.

– Os **cegos**. Também sob esta mesma acusação viviam marginalizados. As enfermidades e deformidades físicas eram interpretadas como castigo pelo pecado e infidelidade à aliança. A exclusão religiosa dos cegos encontrava sua legitimação na própria determinação de Lv 21,18: “nenhum homem com defeito poderá aproximar-se para *ministrar*”. A exclusão, entretanto, não se restringia à proibição religiosa: economicamente os cegos são “vulneráveis, dependendo do sustento familiar ou sustentando-se eles mesmos com mendicância vergonhosa”<sup>49</sup>.

– Os **coxos**, os **mudos**, os **aleijados**, os **parálíticos**, igualmente são tantos outros marginalizados. Nada mais do que gente desgraçada, desamparada, gente insignificante, impura, contaminadora de sua enfermidade e, por causa disso, impedida de “aproximar-se para oferecer o alimento de seu Deus” (Lv 21, 16).

– Os **endemoninhados**. Da mesma forma, eles estão situados no campo da impureza e da morte. O que é mais deprimente ainda é que recai

<sup>46</sup> Cf. *ibid.*, p.264.

<sup>47</sup> Cf. GALLARDO, C.B. *Jesus, homem em conflito*, p.96.

<sup>48</sup> Cf. CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*, p.264.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p.299.



sobre eles o estigma repugnante de serem o símbolo do homem dominado e escravizado<sup>50</sup>. Na cena dos dois endemoninhados, em Mt 8,28-34, “eles vivem nas tumbas, fora da área urbana, mas perto das estradas principais, de maneira que os vivos podiam honrar e importar-se com os mortos proporcionando alimento e participando em refeições sacramentais para assisti-los na outra vida. Os dois homens vivem fisicamente nas margens, longe dos núcleos familiares, que definiam os papéis sociais e de gênero, e os engajamentos políticos e econômicos”<sup>51</sup>. De modo geral, a realidade de quem se descobria endemoninhado, além de desoladora, indicava que ele pertencia ao mundo dos descartáveis, isto é, o nível mais baixo, completamente inferior, da sociedade<sup>52</sup>.

Do ponto de vista ético, é sumamente importante que se coloque em realce o fato de que Jesus volta sua atenção, se detém e se envolve com pessoas cuja referência social é sinônimo de exclusão, de vidas alienadas e subjugadas ao “mundo dos descartáveis”. Do contexto em que as cenas de proximidade acontecem, não se pode perder de vista a perspectiva de realidade que não ilude a respeito das condições difíceis de quem vivia sob a acusação e condenação de ser foco disseminador de impureza, desgraça e morte.

Que a dureza da realidade não impeça de compreender que a própria palavra que designa o estado de doença, deformidade ou deficiência, é a mesma que retrata a situação de “miséria pessoal, social e econômica, para cada vítima”<sup>53</sup>. Em tal contexto, o sofrimento não se prende somente à realidade da doença. Ultrapassa a fronteira da dor física para estirar-se em aflição, tormento, desespero; a dor típica de quem intercepta seu mundo de relações circunscrito ao estigma do isolamento e da discriminação social.

Só mesmo quem é movido de compaixão é capaz de romper com fronteiras assim construídas sobre alicerces ostensivamente excludentes. Talvez seja por causa disso que os evangelhos insistem em priorizar que a proximidade de Jesus sempre se convertia em compaixão como experiência de sentir e compartilhar a dor do outro e iniciativa de fazer alguma coisa, comprometendo-se!

<sup>50</sup> Cf. GALLARDO, C.B. *Jesus, homem em conflito*, p.138.

<sup>51</sup> CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*, p.281.

<sup>52</sup> Cf. *ibid.*, p.280.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p.172.



## *As identidades marginais*

O próximo passo, que precisamos dar, segue pelo mesmo percurso. Simplesmente estamos acompanhando os passos de Jesus com um único objetivo: é importante saber e identificar de quem Jesus se aproxima... Até o presente momento, nossa caminhada junto com Jesus se mantém surpreendida pelo fato inédito de Jesus viver a proximidade inserida no limite extremo das situações marginais. O que, porém, mais surpreende é o seu aguçado sentido de responsabilidade ética. É próprio da prática moral de Jesus comprometer-se com a causa do outro na perspectiva do testemunho vivido como misericórdia e compaixão. Como vimos acima, em seu testemunho de proximidade, Jesus atesta que só responde pelo outro quem se deixa interpelar eticamente pela sua situação de dor, abandono, rejeição, descaso...

Se continuarmos atentos aos passos de Jesus, eles permanecem surpreendendo... A surpresa agora vem de outro desconcerto. Jesus choca, quando trata de identidades marginais como imagens portadoras de sentido iluminador e crítico acerca da compreensão do Reino de Deus, da autenticidade do seguimento, da opção vivida no despojamento...

À primeira vista, tais imagens só podem escandalizar, pois retratam identidades reais, mas completamente marginais, totalmente desconsideradas, subestimadas nas estruturas socialmente dominantes. Se, de fato, são marginais, não deixam de ser identidades que entram em oposição aos padrões culturalmente prevalecentes. Isso só vamos conferir, ao darmos rosto às identidades marginais.

– As **crianças**: “Em verdade vos digo, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 18,3).

No seio da sociedade patriarcal, as crianças eram vistas como fracas, desprovidas de razão, ignorantes, imprevisíveis, vulneráveis, de pequeno valor presente, mas significativa para o futuro. Dentro da estrutura familiar rigidamente hierarquizada, as crianças se encontram dependentes, submissas e obedientes a seus pais. Deveriam ser treinadas para a aprendizagem de seus papéis futuros: cívicos (homem) e doméstico (mulher). Elas não têm nenhum direito e seu lugar está ambientado nas margens do mundo adulto, centrado exclusivamente na figura masculina<sup>54</sup>.

<sup>54</sup> Cf. *ibid.*, p.116-117, 334, 456-457, 483-486; GALLARDO, C.B. *Jesus, homem em conflito*, p.200-201.



– Os **escravos**: “Entre vós não deve ser assim. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós seja o escravo de todos” (Mc 10,43-44).

A imagem do escravo situa os discípulos com os marginais e menosprezados<sup>55</sup>. A comunidade é configurada com a experiência das margens sociais e não com os privilégios de quem desfruta segurança e estabilidade nos centros do poder e ainda, se não em esfera tão elevada, pelo menos, reconhecimento de sua posição na pirâmide social. Convém ter presente esta observação, pois os escravos ocupavam o ponto mais baixo da hierarquia social. Vinham depois da categoria que incluía os trabalhadores diaristas, lavradores que trabalhavam em terra alheia, e os mendigos<sup>56</sup>.

– As **prostitutas**: “Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus” (Mt 21, 31).

Sobre a imagem da prostituta, não é necessário se deter com comentários mais amplos. A razão muito bem o sabemos: até os dias de hoje, esta é uma imagem que reflete a mesma conotação, a de ser uma identidade marginal.

– Os **eunucos**: “De fato, existem eunucos que nasceram assim do ventre materno; outros foram feitos eunucos por mão humana; outros ainda, tornaram-se eunucos por causa do Reino dos Céus” (Mt 19,12).

Os “eunucos eram estranhos permanentes, figuras marginais desonradas, frequentemente menosprezados e socialmente alienados”<sup>57</sup>. Com uma identidade distinta, não havia nenhum lugar para eles “em famílias patriarcais com seus papéis cuidadosamente definidos e separados para homem e mulher, marido e esposa, pais e filhos. O eunuco não participava em nenhuma dessas relações. Os eunucos violavam essa ordem, ameaçavam a ordem e o futuro da família e a sobrevivência da raça, porque não podiam gerar filhos. Sem crianças ou família, sexualmente ambivalentes, desprezados e abusados, os eunucos não tinham seu lugar próprio”<sup>58</sup>. Experimentavam asperamente a alienação das famílias

<sup>55</sup> Cf. CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*, p.567, 598.

<sup>56</sup> Cf. MEIER, J.P. *Um judeu margina.l Repensando o Jesus histórico, volume três, livro dois: competidores*, p.341.

<sup>57</sup> CARTER, W. *O evangelho de São Mateus*, p.481.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p.481-482.



e dos grupos familiares, dado que tinham uma identidade e viviam uma existência marginal.

– Os **pobres**: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus!” (Lc 6,20).

Aquí surge a compreensão e a exigência de que “os pobres não devem ser espiritualizados, seja suavizando o referente (“pobre voluntário”), seja fazendo-o metafórico (“covarde”, “humilde”). Eles são os pobres literais, físicos, os despossuídos, aqueles que vivem na dificuldade social e econômica, carecendo de recursos adequados, explorados e oprimidos pelos poderosos e desprezados pela elite. Eles incluem o estrangeiro, o órfão, a viúva, o necessitado, os aleijados fisicamente (cego, coxo) e os impotentes”<sup>59</sup>.

#### 4 Eis o desafio!

Não poderíamos concluir a abordagem, sem reconhecer que a práxis moral de Jesus, em sua radicalidade, sempre vem à luz como um parâmetro que enfeixa desafios insuperáveis. O estilo desafiador de como Jesus encarna a prática moral coloca inevitavelmente em situação de questionamento crítico, e redimensionamento inovador, qualquer formulação ética que se aproprie do qualificativo de ser cristã. Isso se subentende em sintonia com a verdade de que, no âmbito cristão, o critério condicionante para fundar a autenticidade do discurso ético-teológico é indiscutivelmente a práxis de Jesus.

Do trajeto que acabamos de percorrer para acompanhar os passos de Jesus, parece que a sensação mais emergente é a de que se está diante de um grande desafio. Eis o desafio do qual Jesus dá testemunho: viver a ética como proximidade responsável. A responsabilidade cuja atitude de fazer-se próximo responde pelo outro. Mas, só responde e corresponde concretamente às interpelações do próximo quem o “des-cobre” inserido dentro do contexto sócio-estrutural e, sobretudo, o “des-cobre” como expressão de intensa resistência ética, quando, no contexto, tornam-se explícitas as barreiras sociais, étnicas, religiosas, econômicas, políticas etc., que o colocam à margem.

Não é esse o modo ético de estar diante do outro que qualifica e caracteriza o testemunho de Jesus!? Jamais conseguiríamos captar a

<sup>59</sup> *Ibid.*, p.179.





contundência moral das ações de Jesus em relação aos *diferentes estigmatizados*, descritos anteriormente, se não fizessemos referência direta ao contexto real e estrutural dentro do qual os fatos de proximidade acontecem. Pelos passos de Jesus, o horizonte de compreensão se abre para a importância da contextualização como critério decisivo para o compromisso ético humanizador, o compromisso que se projeta convicto da necessidade de humanizar. Mas, para que isso se efetue, é imprescindível romper e superar as barreiras edificadas para estigmatizar, excluir, discriminar, marginalizar...

Surpreendem, como vimos acima, a capacidade e a flexibilidade de Jesus situar-se em contexto. Podemos comprovar, através dos episódios relatados, que é em contexto que Jesus exercita a sensibilidade ética. Na práxis de Jesus, o sentimento de compaixão e misericórdia não se enquadra no esquema de categorias teorizadas. É somente em inserção contextual que esses sentimentos se provam eticamente, ou seja, respondem ou não às interpelações do próximo.

Graças ao testemunho de Jesus, conseguimos compreender que este é o grau mais elevado a que pode chegar a sensibilidade ética humana. A capacidade de sentir *com-paixão*! Eticamente falando, nada ultrapassa tal sensibilidade: estar junto (próximo) ao outro e assim sentir e compartilhar sua dor. A respeito disso, o testemunho de Jesus é exemplar. É provando sua capacidade de compaixão e misericórdia que Jesus abre a perspectiva ética para o sentido profundamente humanizador: o que se faz pelo outro só tem em vista a sua humanização, a sua construção como ser humano e filho(a) de Deus.

Dessa verdade se faz fatora a prática moral de Jesus. Mais acima, tivemos a oportunidade de acompanhar de perto os seus passos na direção do interlocutor que interpela situado à margem. No movimento de proximidade que Jesus realiza, presenciamos o fato surpreendente: quantas barreiras caem por terra! Da multidão massificada ou do anonimato quando o rosto se ergue, Jesus se aproxima trazendo à luz o indivíduo, mas não só ele, junto com ele vem também o mundo das estruturas desumanas e injustas que o excluem, que o tornam um estranho estigmatizado... E podemos constatar que, à medida que Jesus se aproxima dos pecadores e publicanos, das mulheres que o seguiam, dos samaritanos, da mulher cananea, dos cegos, leprosos, coxos, paralíticos, endemoninhados, das identidades marginais (crianças, escravos, eunucos, prostitutas, pobres), são fronteiras e barreiras seja de gênero, sociais, políticas, econômicas,



religiosas, étnicas, culturais, que vão se rompendo e se relativizando... Caem por terra, e precisam cair por terra, para certamente corroborar que o que vem em primeiro plano é sempre o ser humano e sua dignidade.

Aí está a marca da originalidade de Jesus entender e encarnar a prática moral. Originalidade esta que encontra na radicalidade do compromisso com a causa do outro a força motriz de seu dinamismo e de seu estilo provocador, transgressor. Diante de evidências tão tangíveis, não se pode negar o sentido de radicalidade presente no modo como Jesus colocava em prática a razão suprema para agir com eticidade. A originalidade de tal estilo simplesmente vem confirmar que a prática moral está intimada a prestar contas ante os desafios e as exigências que a legitimam como autêntica a partir de seu sentido mais originário e supremo: a valorização construtiva da realidade humana.

*Endereço do Autor:*

E-mail: [marciobolda@itesc.org.br](mailto:marciobolda@itesc.org.br)